

A Nova Presença Islâmica na Europa

TIESLER, Nina Clara.

A morada de ser: muçulmanos na Europa e políticas de identidade.

Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2011. 210 p.

José Lindomar C. Albuquerque¹

O livro de Nina Clara Tiesler pode ser situado no contexto mais amplo do debate político e acadêmico sobre o fenômeno migratório na Europa e os sentidos das diásporas religiosas em novos espaços de interações e experiências coletivas. Nos amplos movimentos migratórios em busca de trabalho e melhores condições de vida, muitos muçulmanos de ex-colônias européias do Norte da África desembarcaram em território europeu, especialmente após a segunda guerra mundial (1939-45), ou se converteram à religião muçulmana já na Europa a partir das diversas influências recebidas em variados lugares de convivência (família, trabalho, moradia, associações e outros espaços de sociabilidade). Essa heterogênea presença muçulmana na Europa de pessoas pertencentes a diferentes etnias, nações e expressões distintas da religião muçulmana ficou praticamente invisível nas primeiras décadas e somente alcançou notoriedade pública, política e acadêmica nos trinta últimos anos.

Nina Clara Tiesler discute justamente a chamada *nova presença islâmica* na Europa a partir do contexto de organização política e visibilidade pública dos debates em torno do Islamismo na Europa. Há atualmente cerca de 15 milhões de pessoas referenciadas

como muçulmanas no continente europeu. A segunda geração desses imigrantes muçulmanos já estudou no sistema educacional europeu e aprendeu novos valores e idéias relacionadas à secularização ocidental. A tese fundamental da autora é tentar compreender uma dupla tendência: a islamização no contexto europeu e a europeização do Islã. Para isso, a pesquisadora recorre à análise de discursos de lideranças intelectuais e políticas muçulmanas formadas em universidades européias, às interpretações acadêmicas recentes e de outros discursos dos meios de comunicação.

A nova presença islâmica (classificação introduzida por Thomas Gerholm e Yngve Georg Lithman em 1988) tem experimentado, por um lado, mudanças políticas, sociais e ideológicas importantes no cenário europeu, como a queda do Muro de Berlim, as mudanças advindas do fim da União Soviética, a criação da União Européia e a onda dos discursos de identidade européia alicerçada em valores cristãos opostos a outras referências civilizacionais. Por outro lado, os muçulmanos na Europa têm recebido múltiplos intercâmbios de idéias e valores de suas sociedades de origem (fundação de associações, universidades, irmandades islâmicas, vinda de imãs etc.), bem como têm estado sensíveis aos fenômenos políticos internacionais que afetam diretamente suas vidas e as representações construídas sobre eles, tais como a revolução islâmica no Iran em 1979, a guerra na Bósnia e no Iraque no início dos anos 1990 e a destruição das torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos.

A presença islâmica na Europa tem mobilizado diversos atores políticos, lideranças religiosas, cidadãos diversos movidos por convicções de fé e intelectuais comprometidos com a reinterpretção da religião “fora do território do Islã”. Trata-se de construir ações políticas contra imagens estereotipadas que associam o islamismo ao terror, ao

¹ Professor de Sociologia do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

fundamentalismo religioso e ao obscurantismo. Ao mesmo tempo, torna-se importante pensar políticas de identidade para os muçulmanos europeus que se encontram de maneira permanente e na condição de minorias em sociedades ocidentais não regidas pelas normas das sociedades islâmicas. Nesse campo da movimentação política e intelectual, a pesquisadora destaca os discursos de três lideranças muçulmanas formadas em universidades européias— Tariq Ramadan, Ali M. Kettani e S. Sayyid – e suas diferentes concepções sobre a nova presença islâmica nas sociedades européias.

Os intelectuais descendentes de imigrantes islâmicos tiveram acesso, durante seus anos de formação universitária e na prática de ensino e de ação política, aos autores pós-coloniais e aos estudos culturais. Essa literatura possibilitou refletir sobre a condição de deslocamento, de diáspora e os complexos fenômenos de pertença e de sentimento de *pátria, casa, lar* em territórios dos estados nacionais europeus. Tariq Ramadan é uma das lideranças intelectuais mais conhecidas na atualidade. Formado na Suíça e hoje professor na Universidade de Oxford, esse pensador defende uma identidade européia e islâmica, a Europa como a nova morada dos muçulmanos europeus e propõe uma reinterpretação do próprio direito islâmico, visando incorporar essas populações na lei islâmica renovada, secularizada e compatível com os valores democráticos ocidentais. Ali Kettani (1941-2001), um dos criadores da Universidade Islâmica em Córdoba, Espanha, defende uma ligação mais intensa com os países de origem e a vinda de lideranças religiosas (imãs), tentando fortalecer a islamização e combater as situações de subordinação das minorias islâmicas por meio de novas organizações políticas. Já S. Sayyid, intelectual da área de ciências sociais na Inglaterra, vê o islamismo como uma região universal e se posiciona contrário a identidades específicas para os muçulmanos da

Europa, tais como “muçulmanos europeus” e “Islã europeu”. Os diferentes discursos desses intelectuais e de outros escritores e pesquisadores podem ser acompanhados a partir dos distintos temas desenvolvidos no livro.

Uma primeira temática importante abordada pela autora é a relação entre o movimento islâmico atual, a chamada presença islâmica histórica durante oito séculos na Península Ibérica e a existência tradicional na Europa Central e do Leste, especialmente na Turquia, Bósnia, Herzegovina, Kosovo, Macedônia, Montenegro, Bulgária, Grécia, Romênia, Albânia, Polônia e partes da ex-União Soviética. A discussão fundamental é ver como a Europa tem construído sua política de identidade a partir de uma alteridade e exclusão do Islamismo de seu próprio território imaginário. A lembrança discursiva de uma Europa herdeira das tradições judaico-cristã e greco-romana tende a apagar a herança e presença histórica do islamismo em muitos territórios europeus. Os intelectuais islâmicos e estudiosos da religião muçulmana lembram essa “coluna esquecida” e estabelecem elos entre as presenças atuais, tradicionais e históricas.

Em seguida, a pesquisadora analisa o movimento de constituição dessa nova presença islâmica na Europa nas últimas décadas. Seu enfoque é na dimensão histórica entre a invisibilidade do fenômeno migratório temporário das primeiras décadas após a segunda guerra e a visibilidade de uma nova presença permanente e organizada politicamente que foi se configurando a partir de meados dos anos de 1970, contexto da crise do petróleo e da vinda das mulheres e filhos destes primeiros imigrantes. A autora apresenta os eventos que marcaram fortemente a visibilidade inicial dessa nova presença islâmica: a proibição do uso do véu, feita por um diretor de colégio francês, e os protestos derivados deste ato em 1989 e, no mesmo ano, o protesto na Inglaterra de imigrantes

indianos e paquistaneses de orientação islâmica à publicação e circulação do livro *Versos Satânicos*, de Salman Rushdie. Na construção política da visibilidade islâmica, Nina Clara Tiesler analisa o processo de criação de várias organizações políticas e religiosas, tais como mesquitas, comunidades locais, associações nacionais e transnacionais, comunidades virtuais, jornais e boletins, e os financiamentos externos, principalmente da Arábia Saudita e Turquia. Além da forte visibilidade dessas organizações, geralmente comandadas por homens, vale destaque o aumento da ação de mulheres muçulmanas de classe média – jovens, cultas e frequentadoras das mesquitas – que se percebem como parte da *Umma* (comunidade imaginada transnacional) e que veem o islamismo como uma religião universal.

Outro tema relevante é a discussão sobre a identidade e a diáspora nos atuais processos de islamização dos debates públicos na Europa. O ponto de partida é a percepção que os muçulmanos estão no centro de múltiplos debates contemporâneos, tais como “multiculturalismo, prosperidade da religião, diáspora, individualismo, o outro, o estrangeiro, o estranho, etnicidade, transnacionalismo e ‘identidades coletivas’” (TIESLER, 2001, p. 122). Nestes debates, verifica-se uma crescente culturalização dos problemas sociais e uma centralidade e fixação nas noções de religião e tradição, acentuando o sentido de pertencimentos espaciais e históricos que remetem à discussão das “identidades coletivas”. Ao apresentar essa problemática teórica relevante, a pesquisadora não reproduz os discursos de identidade e diáspora para pensar a nova presença muçulmana na Europa. Seu interesse é na maneira como essas categorias – identidade e diáspora – entram no debate acadêmico das Ciências Sociais nas últimas décadas, migram para o campo político, geralmente por meio de porta-vozes das classes médias e pelos meios de comunicação de massa, e

se tornam formas de identificação cotidianas para os mais diferentes atores sociais. A preocupação nessa obra é problematizar a circulação e transformação semântica dos conceitos e pensar os diversos discursos e políticas de identidade dos muçulmanos no continente europeu.

Por último, a autora analisa os debates em torno dos sentimentos de estranhamento e de pertença dos muçulmanos a esses novos espaços de vivências na Europa. Sua abordagem prioriza a situação de estranhamento dos imigrantes muçulmanos ao chegarem à Europa, muitas vezes advindos de regiões rurais e de repente se inserindo em modernas metrópoles europeias. Os imigrantes enfrentam a radical alteridade europeia, a perda da terra natal, a situação de muitas vezes terem saídos de territórios colonizados e entrarem nas metrópoles colonizadoras, bem como os estranhamentos diante do encontro cotidiano com diferentes tradições do islamismo praticadas por imigrantes vindos de outros lugares. Entretanto, os filhos e netos desses imigrantes já são juridicamente cidadãos nacionais dos diversos países europeus, muitos são adeptos da religião muçulmana e reivindicam novas maneiras e lugares de pertença. Nesse contexto, a pesquisadora centraliza a discussão nas concepções distintas de Sayyid e Ramadan sobre a ideia de “pátria” (morada de ser) e diáspora para os muçulmanos que vivem na Europa. A discussão principal de Sayyid é pensar a noção de *Umma* dos muçulmanos como uma antinação e como uma comunidade aberta e universal que incorpora os muçulmanos que vivem na Europa e outros continentes. A noção de diáspora muçulmana compreende todo o mundo islâmico e não somente as minorias das nações europeias. Já Tariq Ramadan está questionando o antigo direito islâmico que divide o mundo em dois (território do islã versus o mundo da guerra e da descrença) e pensando na identidade euro-islâmica das novas gerações nascidas

em território ocidental. A solução encontrada é refletir sobre a noção de *casa, pátria, morada de ser* como “o espaço de profissão da fé” (*dar ash-shahada*). A “pátria” é então vista como qualquer lugar no mundo onde o muçulmano possa exercer a sua fé e sentir-se em segurança. Conforme a interpretação da autora, “o espaço da profissão de fé não conhece fronteiras. A ‘nossa terra’ é o momento das fronteiras incertas, é uma anulação dos limites [...]. A ‘nossa terra’ é uma antecipação – hoje temos de dizer referência – a uma coordenada espaço-temporal que se situa antes da nação” (TIESLER, 2011, p. 186).

A pesquisadora faz um importante exercício interpretativo de diversos discursos sobre a presença muçulmana na Europa ao longo do livro. Entretanto, considero que o trabalho ficou mais centrado nos discursos de Sayyid e principalmente de Ramadan e não refletiu *sobre as* “citações originais nos quais muçulmanos não inseridos no meio universitário refletem sobre suas experiências cotidianas” (TIESLER, 2011, p. 22), como havia anunciado na introdução. Também acho problemática a falta de uma distinção clara entre o lugar do discurso dos três autores selecionados como pertencentes a essa “segunda geração” e os outros estudiosos utilizados para dialogar com esses escritores islâmicos. Tive dificuldade de perceber se alguns dos outros autores discutidos pertencem também a essa nova geração islâmica universitária ou são somente estudiosos europeus e de outros continentes que tematizam as migrações, diásporas e religião muçulmana.

De uma maneira geral, a autora apresenta um debate atual e relevante sobre a nova presença islâmica na Europa. O livro possibilita debater os conceitos de identidade e diáspora a partir de uma reflexão acadêmica sobre a história migratória dos próprios conceitos e acerca dos limites heurísticos de suas utilizações em um contexto de políticas de identidade. A sistematização

do debate acadêmico e político em alguns países europeus, feita nessa obra, pode ser bastante importante para pesquisadores brasileiros e de outros países vizinhos que têm se dedicado ao estudo das migrações árabes e das diásporas muçulmanas. Além disso, a autora cita várias situações específicas da sociedade portuguesa e tem artigos acadêmicos publicados sobre a presença muçulmana em Portugal. Suas referências sobre o caso português pode ser um ponto de partida para a construção de novas pesquisas comparativas sobre a nova presença muçulmana em Portugal e no Brasil.